

Gênero, racialidade e ensino da arte: dispositivos para o diálogo

Gender, Raciality and Art Teaching: devices for dialogue

Tatiana Rosa (ProPEd-UERJ)

Resumo: O recorte apresentado para a conferência, homônima ao título desta reflexão, apresentada no 15º Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte, condiz com as questões que afetam o tempo e o espaço de pesquisa. O respeito pelo espaço de encontros formativos e de trajetória que me orientam para o entre negra-mulher-educadora-professora-artista-pesquisadora, tendo o ensino da arte como caminho de militância, foi apresentado a importância da escuta Penha, Bicalho e ROSA (2020, 2023) como caminho metodológico e referencial neste processo de pesquisa. Além disso, a reinvenção-reelaboração através da curadoria como caminho de cura no processo de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: gênero; relações étnico-raciais; ensino da arte.

Abstract: *The excerpt presented for the conference with the same name as the title of this reflection, presented at the 15th Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte, is consistent with the issues that affect the time and space of research, as well as respect for the space of formative meetings and the trajectory that guide me towards the between black-woman-educator-teacher-artist-researcher with the teaching of art as a path of activism and reinvention-re-elaboration through curating as a path of healing in the doctoral process in the Postgraduate Program in Education, in the line of Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, at the Universidade do Estado do Rio de Janeiro.*

Keywords: *gender; ethnic-racial relations; art teaching.*

Contexto

O modo como as construções diferentes do mundo social em outras culturas são usadas como 'evidências' para a construção do gênero e a insistência de que operam no ocidente anula as alternativas oferecidas pelas culturas não ocidentais e enfraquecem a afirmação de que gênero é uma construção social. (Oyèwùmí, 2021, p. 40).

É preciso registrar que escrever a partir dos 30 anos do *Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte* tendo as nossas demandas urgentes como tema e pauta, tais como: as *Relações étnico-raciais no contexto da arte*; *Povos originários*; *Jovens Pesquisadora/es/Artistas/Professores/as*; e *Gênero*, de onde foi assentada a minha reflexão e composição, é uma realização. Compreender esse espaço formativo como de grande relevância para o que estabeleço a partir desse corpo-texto – negro e feminino – como caminho para/sobre o ensino da arte nos diferentes espaços de ensino escolar e não-escolar é fundamental. Assim como a abertura para as diferentes perspectivas de entendimento sobre as reflexões de gênero é indispensável para o desenvolvimento deste relato. Oyèróké Oyèwùmí, em seu texto *A sororarquia: o feminismo e sua "outra"*, citado acima, nos ampara.

É retomada. É tudo pra ontem!

Os *Seminários Capixaba sobre o Ensino da Arte*, realizados na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) entre os anos 2007 e 2012, foram demarcadores para a minha constituição enquanto educadora e professora. Fizeram-me compreender a relevância e a potência que tem o ensino da arte para reverberar as pesquisas sobre as relações étnico-raciais, que naquele contexto estavam sendo introduzidas. Na mesma medida, preciso fazer o registro sobre a importância em ter participado do programa de Iniciação Científica, de projetos de extensão e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFES), muito do que me compõe hoje como pesquisadora, dentro e fora de espaços escolares. Inscrevo esse percurso para os/as graduandos/as que ainda estão nesse processo.

Praticar o ensino da arte está interdependente às pesquisas e às ações para os estudos das relações étnico-raciais, o que estrutura hoje como práticas de ensino da arte para essas relações. No contexto da graduação, estávamos a 3 anos da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as instituições de ensino do país, instaurada com a Lei 10.639/2003, e a poucos anos da Lei de cotas, promulgada em 2010. Demandas urgentes!

Escrevo a partir de um recorte interseccional, do lugar da negra, mulher, professora, educadora e pesquisadora, que pensa e realiza suas ações a partir do ensino da arte. Lélia Gonzalez, entre os anos 1960 e 1970, no livro *Por*

um feminismo Afro-Latino-Americano afirma que ser mulher negra no Brasil é “objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais baixo de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 50), premissa importante para ressaltar aqui a reflexão sobre gênero, sobretudo nos espaços de educação.

Além de Gonzalez (2020), a perspectiva interseccional de entendimento de gênero advém de bell hooks (2017), Carla Akotirene (2018) e Kimberlé Crenshaw (2016) que enuncia seu conceito a partir dessa “urgência da interseccionalidade¹”. Compreendo assim que, para além do gênero, raça, classe, sexualidade e religião se sobrepõem, ou melhor, articulam-se nas opressões do nosso convívio.

Compreender-me na perspectiva interseccional é um alicerce para a minha prática artística e de educação. A primeira que chega é a negra, depois a mulher, a educadora e/ou a professora para a demarcação da artista e, quiçá, a pesquisadora. Costumo dizer sempre que, no primeiro momento em uma instituição de ensino, o corpo negro – racializado, é um demarcador de experiências. Como disse, chega primeiro a negra, depois a mulher e, em seguida, a professora. A partir do corpo, da profissão, do componente curricular subalternizados na nossa realidade social, assumo o desafio inspirada por Maya Angelou (2016), o de não fugir da minha própria história. Assim como escrevo e atuo, realizo as *Práticas de Ensino da Arte para as Relações Étnico-raciais* em primeira pessoa!

Temos uma urgência muito grande em romper com as dissimulações de uma sociedade harmônica. Reagir em perspectiva *contracolonial* para buscar esse rompimento com a mentalidade colonialista que nos assombra. Como caminho, uma das nossas grandes referências capixabas é o trabalho realizado pelo artista Luciano Feijão (2018), ao analisar a pintura *A negra*, de Tarsila do Amaral.

Umadasobrasutilizadasnaexposição*Amas:fisionomiasedesmembramentos*, realizada em 2018, na Galeria Homero Massena², fora uma fotografia de uma mulher negra cravejada com pregos para usos náuticos, que nos remetem a muitas narrativas, memórias e retomadas, não somente da figura exposta, mas de muitas que, como ela, não tiveram suas histórias registradas, não contadas. Histórias essas que poderiam ser de muitas ancestrais como também de muitas companheiras da atualidade, que estão nos subempregos ou que são violentadas, sobretudo vitimadas pela maior ou menor quantidade de melanina. É muito além da cor de pele! Segundo o autor, a proposta é pensada sob uma

1 “A urgência da interseccionalidade” é o título da palestra apresentada por Crenshaw para o TEDx, em outubro de 2016.

2 Espaço expositivo gestado pela Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo. É localizada no bairro Centro, da capital Vitória.

evocação da infância de Tarsila, das amas de leite, do ambiente ainda impregnado pela dinâmica escravocrata que tanto compareceu nas grandes fazendas onde vivia. Pintura que sustenta o Modernismo brasileiro a partir do 'gosto pelo primitivo'. Sustenta ainda a ideia de uma *iconografia nacional* que, de maneira alegórica, contribuiu para circunscrever mulheres negras na construção ininterrupta de uma subjetividade racista secular (Feijão, 2018, s/p, grifos do autor).

A historiadora da arte Anne Lafont (2022) faz uma reflexão sobre o trabalho *O seio nutridor: um leite negro?* em uma das suas obras, para pensar o imaginário atribuído às chamadas “amas de leite” no contexto brasileiro que, “presentes em quase todas as camadas da sociedade brasileira desde os primeiros tempos da colonização, eram - é - um fato ignorado na história nacional” (Lafont, 2022, p.40). Trago esse registro para problematizar a reverberação das nossas escolhas ou propostas para os nossos planos de ensino. Ele reafirma o perigo das histórias que ainda predominam não somente nos livros didáticos, como também nas nossas narrativas e proposições, uma vez que todo/a o/a professor/a é um/a curador/a.

A curadoria como caminho de cura

A pesquisadora Diane Lima, em um encontro virtual sobre o tema *Curadoria negra*, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia, apresentou uma fotografia de Jônatas Conceição, a *Por uma educação que interesse aos negros, 20 de novembro*, um registro de pessoas racializadas em uma manifestação nos anos de 1980.

Para além da intensidade da imagem, a pesquisadora apresenta uma análise sobre a potência e o poder de cura que educadores/as e professores/as têm nas mãos. Podemos não só falar/pensar a partir de narrativas dessa fotografia em específico, mas de incontáveis registros que poderiam ser apresentados.

Por uma educação emancipadora

Em 2023 completamos 20 anos da Lei 10.639, promulgada no dia 09 de janeiro de 2003, com a outorga da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino de todo o país, atualizada em 2006, com a inserção da obrigatoriedade dos estudos das histórias e culturas dos povos originários brasileiros. 2023 também é o ano em que completo 15 anos de pesquisa dedicados à estética simbólica no candomblé a partir dos estudos dos fios-de-contas, estética essa atrelada à memória, que materializa a história e os modos de ver e ser das comunidades tradicionais religiosas afro-brasileiras.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação do município da Serra - ES, tendo por referência a predominância de estudantes autodeclarados/as pretos/as e pardos/as no ensino básico público, quais escolhas predominam nas

nossas práticas de ensino? Em qual caminho ainda se assenta a nossa educação? Praticamos a escuta? É uma educação que interessa aos/às negros/as?

A minha constituição enquanto professora advém da necessidade de reverberar as minhas buscas e pertencimentos a partir da entrada na Universidade Federal do Espírito Santo. Enquanto graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais, me propus a construir um repertório que se estrutura hoje como a já citada Práticas de Ensino da Arte para as Relações Étnico-Raciais³ para a reflexão da Prática de Ensino da Arte através dos estudos dos fios-de-contas, iniciados em 2007 através do subprojeto de Iniciação Científica (IC) *Os fios de contas nas religiões afro-brasileiras*. IC finalizada em 2008 e retomada como fundamentação para o projeto de *Prática de Ensino da Arte no Ensino Médio*⁴ como *Elementos que contam histórias* e analisado em 2012 com o Trabalho de Conclusão de Curso *Os fios-de-contas nos candomblés: A vivência da cultura afro-brasileira através da arte/educação*.

Os fios-de-contas são elementos fundamentais – *identificatórios* – nas práticas religiosas de matrizes africanas no Brasil. Elementos esses que mais significam e que materializam os conceitos, memórias e grau de vinculação dentro do espaço litúrgico. Essas referências são importantes para a compreensão dos modos de ver, ser e estar das pessoas que perpetuam essas reminiscências como modo de vida. A perspectiva interdependente de interação com o mundo, fundamentais para a formação mais humanizada, como religiosidade, oralidade, circularidade, dentre outros, praticados dentro dessas comunidades afro-religiosas.

Na dissertação é apresentada uma sequência de práticas artísticas e educativas que antecedem e dão base para o que concebemos hoje com as *Ku sanga* em diferentes instituições de ensino formal e informal para educação e artísticas como a instalação *Abre-Caminho*, concebida para a exposição coletiva *Horizonte*, em 2012, com Thais Apolinário, Luara Monteiro e Charlene Bicalho. Curada pela pesquisadora Neuza Souza, então gestora da Galeria Espaço Universitário, a GAEU-Ufes.

Abre-Caminho foi o maior exemplo de exercício coletivo que propus. Materializa todo o processo de pesquisa realizado até então. Articula prática artística e educativa de modo interdependente. Reverbera até hoje.

Essa obra hoje compõe o acervo da GAEU-Ufes junto de muitas outras artistas mulheres capixabas, brasileiras e estrangeiras. Foi revista em 2020 em exposição virtual e, em 2023, reinstalada para a exposição *Mulheres Artistas no Acervo da Ufes*, sob curadoria de Ananda Carvalho.

3 Proposta estruturada na dissertação *Ku Sanga de contas contadas: Práticas de Ensino da Arte para as Relações Étnico-Raciais*, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, o PPRER-CEFET/RJ.

4 Componente curricular obrigatório no currículo vigente em 2006.

Reelaboração

Pensar-Relevar-Considerar a escolha dos nossos conteúdos e a potência de um repertório democrático e dinâmico é mobilizador. É cura! Existem vários caminhos de se pensar desenho, fotografia, estudo de cores... Reafirmo: *Todo professor também é um/a curador/a!*

A professora Ana Mae Barbosa, em sua conferência para o Congresso da Organização de Arte Educadores/as Paulistas, em 2023, enuncia sua fala a partir da afirmação de que “sempre foi coletivista, e isso – a – mantém viva!”. A partir dessa frase proferida por ela retomei ao processo de constituição do Teatro Experimental do Negro (TEN) criado da e pela coletividade, descrito, especialmente, por Nilma Lino Gomes (2017) como um dos “Movimentos Negros Educadores”. Assim como a escrita de Inacyra Falcão dos Santos, em *Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação* (2006), em que defende o corpo-negro-educador e detentor de memórias através da dança, para pensar em caminhos supostamente individuais que se alicerçam na coletividade. Atualmente a artista é um dos nomes que expõe na Bienal Internacional de São Paulo.

É preciso considerar que o nosso processo além de individual é também muito coletivo. Da atuação, da reverberação e da escrita em primeira pessoa são processos estabelecidos para buscar *botar sentido* em uma prática de ensino articulada à pesquisa, caminho de suma importância para uma atuação engajada.

Da curadoria como caminho de cura, essa reelaboração e reinvenção

Essa reelaboração e reinvenção ocorrem a partir do corpo e da cura da experiência que tive em 2015, com a oficina *Identidade e Afrontamento*, com a artista Priscila Rezende. O encontro com ela através de uma das ações da obra *Irremovível*, da artista Charlene Sales Bicalho, dentro da exposição *Tentativas de esgotar um lugar*, em cartaz no Museu de Artes do Espírito Santo em 2015, foi um demarcador no meu ser e estar enquanto negra-mulher-professora-educadora.

Não imaginava que precisava viver aquela experiência até viver a experiência. Da partilha do processo – do cuidado com o corpo ao se postar e a ação, do modo de lavar os utensílios de alumínio etc.

Um dos requisitos para participação da atividade eram vestes escuras. Fui com uma blusa preta e calça *legging* cinza e, até o último momento, não tinha me predisposto a participar da performance. Peguei um escorredor de macarrão, utensílio super antigo de uso da minha avó – cozinheira de forno e fogão – em casa de famílias abastardas da capital Vitória, no estado do Espírito Santo. Cheguei um pouco atrasada, já estavam pensando o *caminhar* – postura, roteiro e jogo de corpo. Combinamos de sair do Museu Capixaba do Negro, o MUCANE. Descalças, descemos pela escadaria da Catedral, passamos pela Praça Costa



Figura 1. Cafuné. Fonte: Usos do Cafuné (2017). Registro da autora.

Pereira e alcançamos a calçada em frente ao Museu de Artes do Espírito Santo (MAES). Éramos cerca de 10 mulheres negras capixabas que realizaram a oficina.

Bombril foi criada em 2010 pela artista mineira. Dentre várias criações de mulheres negras afro-diaspóricas que pensam suas obras a partir dos próprios cabelos, a partir das violências que a eles – o nosso corpo – são atribuídas. A *Bombril* me toma pelo nome, provoca o pensamento a partir das palavras pejorativas – racistas – que nos são atribuídas e que ela traduz. A partir da exibição em uma mostra de cinema realizada no auditório da unidade de ensino em que eu estava vinculada, da visualidade, da identificação – o espelhamento – não tive como fugir da primeira pessoa. E o pratico desde então. A partir da força da palavra que é proferida para meninas, moças e mulheres negras em diferentes gerações e contextos e que ali é traduzida com a mesma potência, só que como resposta.

O *Raiz Forte Espaço de Criação* foi um território de educador. Um espaço cultural criado a partir da produção da *websérie Raiz Forte*, de Charlene Sales Bicalho. Fora um território que articulou práticas artísticas, educativas e outras ações culturais que mobilizaram muitas pessoas dentro e fora do Espírito Santo. Entre 2016 e 2017, da abertura ao encerramento do espaço, pesando o processo, questionamo-nos: como a leitura coletiva no grupo de estudos *Reencontros de si* alicerçara mulheres negras a se voltarem para as suas trajetórias a fim de



Figura 2. Cafunés. Fonte: Cafuné no Raiz Forte Espaço de Criação. Registro da autora.

que não se sentissem sozinhas na construção de coletividade⁵? Quais são os efeitos dos espaços de escuta realizados para a participação de artistas negros/as e as suas contribuições para a sua formação a partir do projeto *Remonta*⁶, ação de curadoria artística de Charlene S. Bicalho? Como essas duas práticas se interconectaram nas Propostas de educação, os espaços de encontros dedicados às reflexões sobre educação para as relações étnico-raciais (ERER), a Ku Sanga?

Uma das traduções para fins de problematização e reflexão foi o “cafuné”, apelidado ou nomeado pelos/as mediadores/as que compuseram voluntariamente a recepção de grupos e visitantes da exposição *Imanência*, uma cocriação entre o espaço de criação e o então projeto *Macunaímãs*, idealizado pela designer de fronteira Juliana Lisboa. O cafuné foi a ponte, a acolhida da proposta expositiva. Praticamos ali a escuta como ponto de partida e o não escolar como laboratório.

5 A escuta extensiva no Raiz Forte Espaço de Criação: encontros de circularidade como fundamento.

6 *Insurgências nas Artes Contemporâneas: as escrituras no assentamento do Raiz Forte Espaço de Criação.*

Traçar considerações sobre experiências ainda em processo é desafiador

Artigo é a análise de uma parte, uma etapa para problematizar uma perspectiva de um todo. Não podemos ter a pretensão de abranger todas as demandas urgentes que se estabelecem no lugar da educação. Em contextos adversos – temos muito a superar dos efeitos da colonização, reafirmo que a escuta é fundante para as nossas pequenas e grandes revoluções através da prática artística e do ensino da arte. Sempre busquei estar interessada em promover o rompimento de padrões e mentalidades colonizadoras, monopolizantes, para e pela valorização de diferentes sujeitos, a fim de se provocar ou se fazer repensar, reconstruir com a o/a outro/a o que está estabelecido como único e ideal, seja dentro ou fora do espaço escolar. Dentro ou fora do museu. E, cada vez mais, tenho me visto mais mobilizada por um processo de construção de uma prática educativa libertária, respeitosa, multicultural e que confronte as arcaicas, hegemônicas, cerceadoras, colonizadoras práticas educativas vigentes. O que te mobiliza? Vida longa aos encontros a partir do pensamento e do ensino da arte no nosso estado. Eu, negra-mulher-educadora-professora-artista-pesquisadora, me revejo aqui, reafirmando a importância da escuta extensiva apresentada por Penha, Bicalho e ROSA (2020, 2023) nas práticas de ensino da Arte para as Relações Étnico-Raciais, tendo as *experienciações* em projetos o não-escolar como laboratório, para contribuir de modo mais eficiente dentro do espaço de ensino escolar.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BICALHO, Charlene Sales; PENHA, Sonia Rodrigues da; ROSA, Tatiana Gomes. Insurgências nas Artes Contemporâneas: as escrituras no assentamento do Raiz Forte Espaço de Criação. In: CIRILLO, José; BELO, Marcela; GRANDO, Angela; (Orgs.) **Arte em Tempos de Pandemia**. Anais do X Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da interseccionalidade. TEDWomen, outubro de 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-BR. Acesso em: 25 set. 2023.

FANPAGE Projeto Raiz Forte. Disponível em: <http://www.facebook.com/projetoraizforte> Acesso em: 20 ago. 2023.

FEIJÃO, Luciano. **Amas – Fisionomias e Desmembramentos**. 2018. Disponível em: <https://galeriahomeromassena.wordpress.com/2020/03/01/amas-fisionomias-e-desmembramentos>. Acesso em: 15 set. 2023.

GOMES, Nilma L. **O Movimento Negro Educador**: saberes constituídos nas lutas por emancipação. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IMANÊNCIA. Raiz Forte Espaço de Criação e Macunaímãs. Disponível em: <https://sites.google.com/view/imanencia/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>. Acesso em: 23 set. 2023.

LAFONT, Anne. **Uma africana no Louvre**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

MAYA ANGELOU. Direção: Bob Hercules e Rita Coburn Whack. Estados Unidos: American Masters, 2016.

LIMA, Diane. Por uma educação que interesse aos negros. **Revista Zum/IMS**, São Paulo, 22 de junho de 2021. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/educacao-interesse-aos-negros/>. Acesso em: 19 set. 2023.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. A **invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PENHA, Sonia R. da; BICALHO, Charlene S.; ROSA, Tatiana G. A escuta extensiva no Raiz Forte Espaço de Criação: Encontros de circularidade como fundamento. *In*: BISPO, Fábio;

GUERRA, Andréa; MOREIRA, Jaqueline; SIQUEIRA, Fídias (Orgs.), **Cicatrizes da escravização**: psicanálise em diálogo. Vitória: EDUFES.

PROPOSIÇÃO Adaptação - Margens de Ti de Charlene Bicalho - Performance Bombril com Priscila Rezende. Publicado pelo canal Raiz Forte por Charlene Bicalho. Youtube, 2015. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AGXeK5Car-U>. Acesso em: 23 set. 2023.

Tatiana Rosa

Doutoranda em Educação (ProPEd-UERJ). Educadora, pesquisadora de práticas artísticas e de ensino das artes para as relações étnico-raciais. Professora na Prefeitura Municipal de Serra - ES, Licenciada em Artes Visuais (UFES), Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (UFOP), Mestra em Relações Étnico-raciais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER-CEFET/RJ).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4076-0552>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6145430744810506>